

REPRESENTAÇÃO DAS CIDADES*

Valéria Cristina Pereira da SILVA**

*A cidade adormecida,
murmurava...
um canto lúgubre,
enquanto a lua passeava
por entre as torres da catedral
e a cidade dorme,
quantas ruas!
Quantas promessas de solidão.
E quantas noites ainda
para fazer alguém de carne e cinzas...*

Valéria Cristina

Resumo: Este artigo aborda o conceito de representação aplicado ao estudo do universo urbano, as formas de olhar, viver e imaginar a cidade. Explora tanto a memória, quanto o imaginário social presentes no tecido das representações urbanas e busca na literatura as imagens de cidade, sonhadas e reais que permitem uma compreensão do significado de pertencer à cidade, suas implicações e reflexos no cotidiano.

Palavras-chave: Representação; Memória ; Imaginário.

Resumen: Este artículo aborda el concepto de representación aplicado al estudio del universo urbano, a las formas de mirar, vivir e imaginar la ciudad. Indaga tanto la memoria como el imaginario social presentes en el tejido de las representaciones urbanas y busca en la literatura las imágenes de ciudad, soñadas y reales que permiten la comprensión del significado de pertenecer a la ciudad sus implicaciones y sus reflejos en lo cotidiano.

Palabras llave: Representación, Memoria: Imaginario.

INTRODUÇÃO

Um estímulo e um desafio para este texto foi construí-lo tendo como base "As cidades invisíveis" do autor Ítalo Calvino, no qual, a memória e o ambiente urbano são ricamente trabalhados nos relatos de Marco Polo para o "grande Kham". Cada texto, resultado das lembranças e recordações da personagem, ou seja, da composição da memória, contém um imaginário, uma representação e uma subjetividade ancorada em referenciais, nas paisagens percebidas, na ideia de lugar, nas sensações, no desejo e no sonho, onde estão presentes o espaço e o tempo.

*Texto apresentado para conclusão da disciplina Urbanização e Produção da Cidade, oferecida ao curso de pós-graduação em Geografia pela prof.ª Dr.ª Maria Encarnação Beltrão Sposito no 1º semestre de 2000.

**Aluna do Curso de pós-graduação em Geografia e membro do GAsPERR.

Deste modo, minha pretensão é abordar o tema representação das cidades, dando as mãos às discussões acerca da memória e do imaginário, formando uma ciranda ao trabalho com o conceito de arte no contexto urbano e as suas imbricações com a representação. E esta obra é, portanto, ponto de partida para a reflexão que se estende para uma ampla bibliografia, embora as discussões sobre imaginário e representação sejam bastante recentes na Geografia.

Os conceitos de representação, imaginário e memória, quando aplicados à temática urbana, contribuem para compreensão da vida e do cotidiano cidadão. Suas metáforas, seus usos de resistência, mudança e permanência, ajudam a interpretar os lugares do imaginário social na cidade no tempo e no espaço.

Como este trabalho é resultado de um contexto disciplinar, acaba por sintetizar experiências, discussões e conceitos trabalhados em grupo ao longo do semestre, que resultam do convívio com a heterogeneidade, teses, antíteses e sínteses diversas e todos os frutos colhidos desse viver a diferença. Resultantes, também, de um seminário, muitas idéias que foram expostas aqui, já foram em muito enriquecidas com o debate, o que foi importantíssimo para a elaboração deste e para as reflexões que há algum tempo venho fazendo a respeito deste tema tão especial.

1 REPRESENTAÇÃO DAS CIDADES

Para abrir essa discussão gostaria de partir do conceito de representação, construindo um caminho para a compreensão do que seja a representação das cidades. Representar no sentido etimológico é estar presente de novo; para o dicionário Aurélio¹, representar significa ser imagem ou a reprodução de; encenar; significar, denotar ou ainda desempenhar papel, as funções e as atribuições de etc. Podemos ver que uma multiplicidade de significados é atribuída a esta palavra.

Entretanto, quando tratamos do conceito de representação, entendemos que esta opera-se no sujeito em dois planos: no plano cognitivo e no plano da abstração, porque é o resultado da interação entre conhecimentos, emoções, imagens e práticas. Para Jovichelovich (1995), a representação é resultado da construção mental do sujeito, ela sempre é referência de algo para alguma coisa, dotada de caráter criativo e construtivo, sendo que os elementos que estruturam advêm da linguagem de uma cultura comum. A representação é um trabalho de lembrança daquilo que está ausente e um trabalho de ligação. É a capacidade de dar às coisas uma nova forma através da atividade psíquica, mediação entre o sujeito e o mundo. Resulta ainda, de processos inconscientes de condensação e deslocamento.

Lutifi (1996), em um estudo sobre Lefebvre aponta que nas representações estão também os sonhos e as utopias, sendo que, viver é representar, mas é também transgredir as representações. Pensar é representar, mas também superar as representações. Para Madalena (1991) as representações são fenômenos complexos que extrapolam categorias puramente lógicas e invariantes. Organizam-se como um saber acerca do real que se estrutura nas relações do homem com este mesmo real. As representações são, portanto, ao mesmo tempo guardadas e adquiridas.

Tais pressupostos teóricos distintos são aqui instrumentos para entender a representação das cidades.

Sposito (1999) aponta as reflexões de Roncayolo que estabelece as relações intrínsecas entre a representação da cidade e a representação da sociedade.

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

"A representação da cidade se inscreve numa etno-história, assim como numa crítica das ideologias. Para compreender essa representação há que se dar importância ao comportamento dos grupos sociais, a maneira a partir da qual se transmitem ou se adquirem os hábitos: a cidade é então aprendizagem de atos como de representações. Há que se preocupar com a acumulação de gestos e de ritos ancorados no inconsciente. Há que se interessar pelas justificativas sociais dadas a essas práticas, pela valorização ligada aos lugares, pela combinação de espaços e referências, por tudo que é mercadoria na cidade".

Roncayolo apud. Sposito (1999, p.19).

Tomamos a idéia da representação da cidade como uma imagem mental do urbano criada pelo sujeito e pela sociedade, resultado das relações com este mesmo espaço, sejam essas relações culturais, econômicas, emotivas etc.

A cidade pode ser representada de diversos modos, através da sua descrição, a pintura de um dado espaço urbano pode ser uma forma distinta de representação, os adjetivos que caracterizam esta ou aquela cidade por um grupo social podem revelar que representações são construídas em torno de uma espacialidade específica, neste caso, as cidades. Um outro exemplo, mais restrito porque se dá no plano individual, é a forma como alguns autores representam em suas obras, a cidade ou as cidades que fazem parte de sua identidade principalmente estabelecendo laços de afetividade, perplexidade em relação às mudanças e diversas nuances que fazem respeito, tanto à forma, como à vida na cidade e suas intensas metamorfoses. Assim como o poeta representa os espaços em que viveu de forma singular, traduzindo melhor sua percepção. Para ilustrar tal exemplo apresentarei algumas poesias e pequenos textos de autores relacionados a fim de ver e analisar como essas imagens literárias da cidade se constroem como representação.

Identidade do Itabirano

*Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Dezenta por cento de ferro nas almas.
É esse alheamento do que na vida é porosidade e
[comunicação.*

*A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem
[mulheres e sem horizontes.
É o hábito de sofrer que tanto me diverte,
é doce herança itabirana*

*A mãe trouxe prendas diversas que ora te
[sofereço:*

*Um São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
Um muro de anta, estendido no sofá da sala de
[fraldas,
Um orgulho, esta cabeça baixa...
Um muro, tive gado, tive fazendas.*

*Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!*
Carlos Drummond de Andrade (1940).

Neste poema percebemos uma representação de Itabira do Mato Dentro, cidade do Estado de Minas, pautada nas lembranças do autor, nas saudades, nas imagens criadas principalmente a alusão que faz à mineração através dos versos “ferro nas calçadas e nas almas”. As “ruas brancas e a herança itabirana” é transfigurada no indivíduo que carrega consigo o imaginário da cidade, enquanto sujeito a cidade é parte de si. Modernista da segunda fase, Drummond utiliza toda as formas de fuga da realidade; seus olhos sempre atentos voltam-se sempre para o presente e a regra primeira é a transformação da realidade.

Madrugada em Aracaju

*Na rua, o povo ia passando...
Madrugada. Tudo escuro. Bandos e bandos de raparigas, falando alto, descendo a Estrada noya. Dos recantos e vielas que ali desembocavam, de momento a momentinho surgiam vultos apressados. Todo bairro de Santo Antônio parecia levantado, a correr para o trabalho.
Ainda embrulhada nas sombras da noite, Aracaju ia despertando, ao ruído dos grupos que passavam, palradores.
O vento fustigava-lhes o rosto; a chuva fria arrepiava-lhes a epiderme. E eles, entanto, marchavam, marchavam sem parar...
Iam em busca do pão. Um negro pão, que, a troco de trabalho, lhes forneciam as Fábricas de Tecidos.
Elas estavam lá, acaçapadas e enormes. Todos os dias, os seus grandes portões escancarados, tragavam para mais de três milhares de operários.
(Amado Fontes, Os Corumbás: s/d)*

Neste texto, a representação da cidade, constrói-se pela visão social e o cotidiano da classe trabalhadora, suas dificuldades para reproduzir-se enquanto força de trabalho: a jornada de trabalho iniciada já na madrugada nas fábricas de tecidos e as metáforas “Iam em busca... de um negro pão que lhes forneciam as fabricas” e “elas... todos os dias tragavam para mais de três milhares de operários” simboliza a alienação do trabalho e a vida mecânica do trabalhador enquanto sujeito. Nesta representação não se vê uma descrição da beleza da capital sergipense situada em plena planície litorânea; mas a fisionomia da cidade se forma na construção do ambiente pelo barulho dos transeuntes na madrugada, pelos recantos e vielas da cidade, o despertar de Aracaju, visto através do recorte do bairro de Santo Antônio.

Ruas da infância

A professora dizia que a rua tinha aquele nome em homenagem a um grande homem, digno de ser imitado. Nós a ouviamos meio duvidosos. Porque nós a rua era do pipoqueiro, do sorveteiro, do vendedor de algodão-doce, do velho contador de estórias. De alguém que nos significasse muito, era o nome da rua. A praça não tinha nome era da molecada toda. No futebol

coisa mudava: Rua de baixo X Rua de cima. As peladas eram na praça, atrás da igreja velha. Quando uma das turmas perdia na bola tinha que ganhar no braço.

Minha rua era a de baixo. Casas velhas, sem pintura, algumas sem reboco. Cidadezinha que não coube no mapa, mas que transborda no meu coração. Depois da rua de baixo, a cidade se acabava e o rio nascia. No rio nadávamos, pescávamos. Para aprender a nadar bem, comíamos peixinhos vivos. Quando matavam porco, púnhamos restos da barrigada num balaiço e os peixes vinham comer. Um dia, um cágado entrou no balaiço e foi o nosso maior dia. Desfilamos com ele por todas as ruas. Depois passou a novidade e ele passou a morar só em nossa rua, uma semana em cada casa, até morrer.

Depois a gente cresceu e ficava feio brincar de esconder, jogar bolinha de vidro na toca, fazer açudinho com água da chuva, nadar pelado. Já se falava em namoradas.

O tempo passou, a turma se dissolveu. Caminho por movimentadas ruas de uma cidade grande, mas levo comigo as ruas da infância. Me disseram que estão cheias de buracos, viraram pastos, as casas estão caíndo de velhas. Mentiras, feias são minhas ruas de hoje, tristes ruas de adultos, sem mistério ou esperança.

(Elias José, **O Tempo, Camila**, minicontos, Imprensa Oficial, Belo Horizonte: S/d)

Essa representação remete-nos à memória e à cidadezinha do interior e suas ruas da infância, tais como, descritas pelo autor: a imagem das casas simples sem pintura ou reboco, a praça de matriz, crianças brincando nas ruas, a cidade acabando quando começa o rio. Essa imagem podemos vê-la repetindo-se infinitas vezes por todo país, como muitas pequenas cidades do interior. Um aspecto importante deste tipo de representação é sua composição pela lembrança, o desejo de permanência da cidade da infância que ocupa um lugar no imaginário, a perplexidade e decepção em relação à cidade grande e suas ruas movimentadas, quando fala das "tristes ruas de adulto, sem mistério ou esperança".

A representação é dada a partir de um sistema de idéias, seja uma interpretação racional, científica ou filosófica é construída para entender o mundo. As representações são resultado de uma interação social de relações complexas existentes no interior da cidade por diversos segmentos sociais. Portanto, quando falamos em representações individuais elas não são dissociadas das representações sociais ou coletivas, embora as primeiras sejam de mais fácil compreensão, não pode-se esquecer, porém, que nas suas falas estão intrínsecos um imaginário que é construído por toda a sociedade. Compreender uma representação da cidade social e coletiva é um exercício teórico que exige compreender ideologias distintas que fazem parte do imaginário, para então visualizar as formas na qual a cidade é representada e a unidade dessa representação que é social.

Ao longo de todo esse trabalho o conceito de representação estará presente, especialmente é claro, no que se refere à representação das cidades. Espero, portanto, que ao trabalhá-lo amiúde, ele vá tornando-se mais completo. Não é possível, contudo, esgotar o assunto e não pouco é de interesse fazê-lo. Mas abordá-lo de outros prismas, costurados a outros conceitos, dando outros exemplos de representação das cidades, não apenas, os exemplos literários já expostos.

2 MEMÓRIA URBANA: NOS CAMINHOS DA LEMBRANÇA E DO ESQUECIMENTO

Ao falar da memória urbana a referência principal consistirá no livro "As cidades invisíveis" de Ítalo Calvino, no qual essa discussão é muito bem trabalhada, e o conceito de memória, suas implicações e complexidades, estão latentes. Torna-se interessante discutindo como exemplo alguns trechos do texto (as lembranças e recordações na composição da memória de Marco Polo). Relacionando as idéias expostas a outros estudos referentes à memória principalmente Maurício de Abreu e Ecléia Bosi.

Segundo Donatelli Filho (1996), o relato de Marco Polo, em seu livro de memórias chamado "Livro das Maravilhas", em que conta todas as suas aventuras pelo distante e exótico Oriente; ao publicá-lo, já homem de idade avançada e cabelos brancos não foi poupado por seus leitores que o acusaram de mentiroso, de infiel e herege. Mas quem disse que Polo queria expor fielmente tudo aquilo que experienciou pela sua longa e atribulada vida? A sua exposição não que esperar sete séculos para poder ser legitimada, não como documento histórico mas como exercício de memória, por Ítalo Calvino em as "Cidades Invisíveis", narrativa que conduz o leitor ao encontro daquilo que Marco Polo contou ao imperador de toda a China.

A completude de um texto e de outro é perfeita, pois tanto em um como em outro não se coloca o problema de expor uma memória como caminho, fim explicativo do passado, a fim de construir uma história gloriosa em torno de si. Mais do que isso, queria Marco Polo que os ocidentais ouvissem o que de mais precioso ele trouxe de todas as suas viagens: o maravilha como ele mesmo coloca no título, enquanto sinônimo de memória, da representação do vivido e redito para aquele que ausculta se reconheça na fala e nela se veja como sujeito também capaz de relatar as suas experiências vividas.

O narrador do livro de Marco Polo é também esquecimento, aquele mesmo que se pune sempre; dialeticamente, faz-nos expositores dos fragmentos que dele conseguimos salvar ao esquecermos, estamos nos refugiando na verdade dos sentidos Freudianos e na mentira da razão. Ao esquecermos para podermos relatar não o fazemos a priori, muito pelo contrário, ao estabelecer os limites de uma fala memorializada, o fazemos de tal forma, que está pressuposto que colocamos tudo aquilo que nos lembramos, quando, na verdade colocamos tudo aquilo que nos recordamos.

A lembrança e a recordação são o motor da memória, a lembrança, porém, se estabelece espontaneamente, enquanto que a recordação se processa através do estímulo. No livro, esses nuances, ficam bastante claras nos diálogos estabelecidos entre Polo e o Grande Khan. Polo relatava suas lembranças enquanto o Khan, não raramente o chamava para as recordações, como se observa no texto:

"--- Os outros embaixadores me advertem a respeito de carestias, concussões, conjuras; ou então me assinalam minas de turquesa novamente descobertas, preços vantajosos nas peles de martas, proposta de fornecimento de lâminas adamascadas. E você? -- o grande Khan pergunta a Polo -- Retornou de países igualmente distantes e tudo o que tem a dizer são os pensamentos que ocorrem a quem toma a brisa noturna na porta da casa. Para que serve, então, viajar tanto?"

--- É noite, estamos sentados nas escadarias de seu palácio, inspire um pouco de vento. --- respondeu Marco Polo --- Qualquer país que as minhas palavras evoquem será visto de um observatório como o seu jardim, a

que no lugar do palácio real exista uma aldeia de palafitas e a brisa traga um odor de estuário lamacento...

Calvino (1990, p. 27)

Marco Polo descreve uma ponte pedra por pedra.

--- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? --- Pergunta Kublai Khan.

--- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra --- responde Marco --, mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

--- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa. Polo responde:

--- Sem pedras o arco não existe."

Calvino (1990, p. 79).

A memória da cidade é exposta ao longo de todo o livro através das narrativas. Mas algumas narrativas em especial são bastante ilustrativas, como por exemplo no seguinte texto:

"Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que os velhos cartões postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões postais e prefira-a à atual, tomando cuidado porém, em conter seu pesar em relação as mudanças nos limites de regras bem reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, hoje só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões postais, enquanto antes, em Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional ---- que mediante o que se tornou pode se recordar com saudade aquilo que foi.

Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores que os antigos, pois que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões postais não representam a Maurília do passado mas uma outra cidade que por acaso também se chamava Maurília."

Calvino (1990, p.30-31.)

Este texto é bastante significativo no que tange à mudança da imagem através do tempo também à mudança de sua representação. A cidade do passado desaparece e uma outra surge no lugar como se ambas não tivessem uma relação, cidades distintas se desenham no tempo. Diante deste fato os cartões postais assumem uma função importante de imagem-índice. Como nos indica Shapovnik (1998):

"Os cartões-postais são como um convite à viagem, uma prenda delicada a aqueles que estão distantes... Impossível tentativa de

enraizamento, o postal parece revelar o minucioso trabalho que incide na conquista da paisagem pelo olhar do viajante. A conjunção estabelecida entre o texto e a imagem sublima a atitude deliberada do remetente em persuadir o destinatário a compartilhar a seu modo, a experiência da viagem. De uma maneira ou de outra, o cartão procura estabelecer uma comunicação entre ausentes e assim restituir uma distância."

Shapounik (1998, p. 10)

Bosi (1994) ao tratar da imagem-lembrança, afirma que esta traz à tona na consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida. Daí, também, o caráter mecânico, mas evocativo do seu aparecimento por via da memória... a lembrança sobrevive ao passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, sobrevive na forma de imagem-lembrança.

Marco Polo ao narrar sobre a memória das cidades as representava tendo por referência uma cidade real: Veneza, sua cidade de origem, onde tecia relatos sobre memórias e conhecimentos que lhe pertenciam como as refrações e duplicidades do espelho. As imagens invisíveis é um interessante exercício de "recriar e mentir" sobre a realidade, realidade esta que está nas sutilezas da narrativa, o memorialista fala de cidades fictícias, de nomes tão familiares e comportamentos singulares e aparências enganadoras, mas que ancoram-se em uma cidade real: Veneza.

Abreu (1998) trabalhando com memória das cidades, salienta que apesar da importância do resgate da memória das cidades este não pode limitar-se à recuperação das formas materiais herdadas de outros tempos. Havendo a importância de cuidar, também, daquilo que não se vê nas marcas na paisagem, mas que pode ainda ser recuperado nas instituições de memória. Nesse contexto, as imagens presentes em fotografias, postais, ou seja, as imagens-lembranças constituem-se em importantes fontes de memória além dos relatos.

3 IMAGENS, IMAGINAÇÃO E IMAGINÁRIO DA CIDADE

"A história da imagem urbana contém um relato das formas de sentir e de pensar a cidade... a arquitetura joga o papel do subconsciente, expressando o desejo coletivo inalcançável que se configura material e imediatamente no espaço urbano." (Pesavento, 1999, p. 10)

A imagem, como podemos observar, tem um grande poder sobre o ideário individual e coletivo, pois se relaciona com nossos sentidos e a retemos na memória como um dos elementos fundamentais na construção da representação. A imagem de uma cidade apreendida, através da sensibilidade e do pensamento, traduz-se em figurações mentais imagéticas que contribuem para a construção da representação do espaço urbano e de seus atores.

Uma interessante discussão a respeito das imagens e do imaginário da cidade é feita por Pesavento (1999). Dentre as muitas possibilidades de acesso ao fenômeno urbano, optamos por seguir os discursos e imagens que os homens ao longo de sua história puderam construir sobre a cidade, caminho este que remete aos imaginários sociais segundo os quais a cidade aparece como campo de reflexão, pois nossa contemporaneidade é atravessada pelo domínio das imagens, pela criação de uma realidade virtual, pela expansão da mídia e pela constituição de "um mundo que se parece". Em suma, o imaginário, como sistema de idéias e imagens, na representação coletiva, teria capacidade de criar o real.

cidade na
que se
ada do
o gosto
er uma
p. 425)
ciência
er não
ça é a
flora a
erência
rias e
idades
ta, que
ninos,
de real:
riância
ateriais
deixou
Neste
brança
ver e
quando
re."
(1999).
tual e
mentos
es da
para
decida
ramos
estruir
cidade
do das
ão de
es de

Quando assumimos esta postura estamos admitindo que a representação do mundo é, ela também, parte constituinte da realidade podendo assumir uma força maior para existência do real concreto. A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que são significados à realidade e pautam valores e condutas. Imersos "num mundo que se parece" com o real, por vezes, que a própria realidade e que se constitui numa abordagem extremamente visual, particularmente se dirigida ao objeto cidade.

Sendo a cidade, por excelência, o lugar do homem, ela presta-se a uma multiplicidade de caminhos entrecruzados que buscam no real uma cadeia de significados. Esta postura remete-nos à história cultural urbana que pressupõe a metaforização do social, ou seja, as representações da cidade tendem a assumir uma forma metafórica de expressão, no qual o apelo, as palavras e as imagens associadas ao conceito de cidade lhe atribuem um outro sentido, implicando um domínio de um novo código. A cidade representada por suas metáforas consiste em contornar-se a si própria, a partir das imagens representadas para chegar nela de volta.

Faz sentido, nesse contexto, resgatar a lembrança dos cenários citadinos, suas ruas, suas formas arquitetônicas, seus atores sociais, alcançando a cidade construída pelos homens, que traz em si as marcas da sociedade. É a cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos tempos, destruída e reconstruída sobre si mesma ganhando novas formas e traçados.

Este é também um esforço de construir a narrativa de um novo olhar lançado sobre a cidade, como afirma Pesavento (1999), "numa tentativa de reconstruir o sonho que trabalhou a pedra ... 'de dizer a cidade' condensando a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita de texto."

Quanto à imaginação, sua existência está ligada à consciência, à capacidade criadora, à possibilidade de fabular. Para Derdyk (1994), a capacidade de imaginar é de suma importância para o conhecimento, incluindo-se o conhecimento científico. "Imaginar é projetar, é antever, é mobilização interior orientada para determinada finalidade antes mesmo de existir a situação concreta. A imaginação possui uma natureza visionária detectando a intencionalidade contida na ação humana."

Essa compreensão nos permite estabelecer um elo entre o mundo exterior e o mundo interior através da nossa capacidade de formular pensamentos, atribuir conceitos, obter domínio da observação sensível do real, estimular nossa capacidade de imaginar e projetar, estabelecendo nossos desejos e significados, confrontando o real, o percebido, a imagem e o imaginário, construindo uma ponte entre o visível e o invisível.

Deste modo, buscar os cenários urbanos de outra época é um convite à viagem, ao diálogo e à interpretação da vida cultural de um tempo. Por exemplo, a imagem da Rua do Ouvidor, tantas vezes presente na obra Machadiana, é uma representação citadina da efervescência cultural: dos bares café, dos teatros, da literatura. Na rua as pessoas caminham e a vida acontece. O centro da Capital do país revelava a importação dos padrões europeus, tanto na arquitetura quanto no estilo de vida.

O estilo europeu impresso no comportamento fazia parte do imaginário social carioca nesta época. A contradição desenhava-se nas ruas, em um país pobre onde a herança colonial atravessa o tempo, observava-se a pujança edificada, os trajes, sobretudo, a bengalá e a cartola, vestindo o corpo e a alma sob o sol tropical. Multifacetada, a mesma cidade transfigura-se e uma outra visão do urbano, onde o sonho perdeu-se na realidade, a ilusão, a fantasia tão presentes na Avenida Central ou na Rua do Ouvidor diluiu-se por completo. Amontoados de homens, quase uns sobre os outros, sem educação, higiene ou liberdade, vivem na mesma cidade do teatro, dos bares café, das galerias de arte, da literatura sem jamais conhecê-la; é a realidade dos cortiços insalubres, da precariedade, da violência. Deste modo, a cidade tece a si mesma com estampas distintas.

4 A CIDADE E ARTE, A ARTE NA CIDADE, A CIDADE NA ARTE E A CIDADE COMO OBRA DE ARTE

A cidade, desde sua origem, tinha como princípio ser o lugar da liberdade e da convivência com a diferença. Dentro desse contexto, havia um estímulo para as diversas formas de expressão, emergência cultural, política, econômica e social que reforçava a criação em suas diversas formas. A arte, embora, tenha surgido na pré-história, como por exemplo na pintura rupestre; foi em uma dada organização espacial: a cidade, que esta se intensificou, estabelecendo com o universo citadino intrínseca teia de relações que se construíram ao longo da história. Seja, a cidade tornou-se o lugar privilegiado da arte e da aspiração artística.

Como nos indica Argan (1998), a arte é encarada como atividade tipicamente humana não apenas inerente, mas constitutiva da cidade. A obra de arte determina um espaço urbano que a produz é a necessidade, para quem vive e opera no espaço, de representar para si a cidade em forma autêntica ou distorcida a situação espacial em que opera. São espaços urbanos, também ambientes das casas particulares; o retábulo do altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou da sala de jantar, até mesmo o vestuário ou o ornamento com que as pessoas se movem, que recitam a sua parte na dimensão cênica da cidade. São espaços urbanos, e não menos visíveis, que são, em certo sentido, mnemônico-imaginário, as extensões da influência da cidade para além das suas muralhas, para a zona rural de onde chegam as provisões ao mercado da praça e onde o camponês tem suas propriedades, os bosques onde vai caçar, o lago ou os rios onde vai pescar.

O espaço figurativo não é feito apenas daquilo que se vê, mas de infinitas coisas que não se sabe e se lembram.

Até mesmo quando um pintor pinta uma paisagem natural, pinta na realidade um espaço complementar do próprio espaço urbano. Na visão de Argan (1998), a cidade favorece a arte e a própria arte pois não se apresenta apenas como um invólucro ou uma concentração de produtos artísticos, mas é ela mesma um produto artístico. Como por exemplo: as cidades Italianas, Roma, Florença e Veneza, que são representações da cidade como obras de arte.

Contudo, caberia distinguir ainda, os conceitos de representação social, representação artística e imagem. Resumidamente a representação social é fruto das condutas, valores e comportamentos, etc., de uma sociedade, como ela vê, interpreta e, portanto, representa o seu universo na esfera pública operando também com o simbólico. A representação artística, como não poderia deixar de ser, expressa-se através da arte, da sensibilidade individual em ligar o real e os universos simbólicos ao mundo da imaginação, reelaborar estes códigos e representá-los criativamente através de linguagens distintas capazes de produzir emoções: o riso, a lágrima, a perplexidade, a transpor a realidade para outras dimensões e assim estabelecer uma comunicação.

A imagem, em outras palavras, estabelece a mediação entre o visto e o vivido. A imagem, ou seja, o que vejo, faz parte do mundo sensível no qual vou interagir, aceitar, reconhecer, rompendo ou superando.

5 URBANISMO MODERNO: LINHAS, FORMAS E CONTRADIÇÕES.

Com base em Arantes (1998), a natureza da arte e o colapso da arquitetura moderna transfigurado no irreversível envelhecimento do moderno se deu justamente por este ter sido realizado no que prometeram e realizando-se transformou-se no seu contrário. Para esta autora, que se chama pós-modernidade não seria mais do que o capítulo conclusivo desse movimento de reversão e aponta o esgotamento por motivo integral do movimento moderno brasileiro e o envelhecimento do novo. Dentro dessa conjuntura, ela reconhece que tanto a preservação do patrimônio arquitetônico no espaço urbano quanto a necessidade de renovar o seu entorno

CIDADE

ade e da
as formas
o artística
plo, a arte
delecendo
stória, ou

e urbana.
urbano: o
si de uma
mbém, os
de dormir
movem e
sual para
aralhas: a
as vilas e

as que se

em espaço
a arte, e é
produtos
fianas de

esentação
s crenças
na esfera
na deixar
universos
ivamente
cidade e

ivido, a
ceitando,

moderna,
te ter-se
autora, o
mento de
stro e o
ção do
entorno,

transformaram-se numa espécie de "alegação ideológica dos gestores urbanos", como forma de manter uma identidade ou uma vida social inexistentes. Promovendo desta forma a modernização do urbano, ou seja, uma encenação da vida pública inexistente há muito tempo, surge com o esgotamento das vanguardas e o envelhecimento do moderno.

A cidade moderna, então, considerada a mais acabada expressão da organização racional do espaço coletivo está sujeita a todo o tipo de intervenção que vem se dando de forma pontual e esporádica, chega a subverter-se em um urbanismo anárquico, que faz apologia à cidade caótica e desordenada. Desta forma coloca-se a questão: se não está havendo uma substituição da ideologia do urbano pela ideologia da diversidade, das identidades locais, onde os conflitos são escamoteados por cenários de uma sociabilidade viva que inexistente há muito tempo devido à modernização.

Apresenta desta forma, uma crítica ao urbanismo moderno que não vende mais as partes da cidade, mas a própria cidade como imagem, ou seja, vende a cultura através do turismo numa simples relação de transitoriedade fazendo da cidade um espetáculo.

A cidade, então, pautada no urbanismo progressista apresenta a falência desse modelo de organização lógica capitalista. A cidade que tem na nossa representação uma geometria marcada por linhas e traços; o racionalismo e o funcionalismo para o qual se destina cada espaço, no qual o sentido não é dado pela experiência ou pela vida, mas pela função.

A cidade como intencionalidade e obra humana está em crise. Carlos (1999), numa análise das metrópoles brasileiras, neste fim de século, reconhece que esta acumula tempos de existência, sincrônica e diacronicamente. Mas são no seu conjunto marcadas, por uma desconexão da modernidade, pela instantaneidade no que se refere ao tempo e pelo esmaecimento da memória impressa no espaço, enquanto desaparecimento dos referenciais da vida humana.

O tempo enquanto uso que se identifica, como duração da ação no espaço revelado nos modos de apropriação é, hoje, o tempo comprimido e acelerado. Em decorrência deste fato, da aceleração do tempo, a cidade torna-se obsoleta sem que sequer tenha envelhecido. O espaço produzido sem referência, sem identidade produzida pela vida de relações é o espaço amnésico. A reprodução do espaço, neste contexto, vai gerando a impossibilidade do uso, uma crise de sentido que acentua a crise da cidade. Carlos (1999).

É uma atividade bastante laboriosa a tentativa de compreender a cidade moderna em sua complexidade, resultado de uma multiplicidade de contradições, de fragmentações e incertezas. A cidade que deveria por excelência ser o lugar da convivência e da liberdade; na modernidade apresenta-se como lugar da segregação, da desigualdade e da anulação do sujeito enquanto indivíduo, justamente porque lhe são negados os espaços de alteridade.

As linhas e as formas do urbanismo moderno, pautados na idéia de equilíbrio e contemplação, no esforço de retomada da cidade como uma expressão da experiência artística e dos valores estéticos de uma sociedade, cria uma cidade que não aceita sua outra face: as favelas, os cortiços, a miséria. Duas cidades estranhas dentro de uma mesma, na qual a primeira evita olhar para a segunda e reconhecê-la como parte de si, sendo que ambas são produtos da mesma lógica de produção, frutos da mesma ordem, e a segunda é condição precípua para a existência da primeira, quando se reconhece que desigualdades tão brutais são resultado da exploração intensa de uma classe sobre a outra.

Portanto, no Brasil, a maior crise da sua cidade moderna, é não reconhecer que a favela e os edifícios da avenida central fazem parte da mesma cidade.

CONCLUSÃO

Pensar a cidade e a suas representações é criar elos entre o espaço e a subjetividade, é reconhecer que a cidade é mais do que pedras erguidas, ela contém a alma humana, por isso

tentei estabelecer essa ponte com a arte, pois esta última apresenta-se como a sublimação do homem e a cidade como uma criação é a expressão mais acabada de representação artística.

Ao elaborar o texto foi possível conhecer novas abordagens, revisitar assuntos estudados e criar novas idéias, deste modo, não posso deixar de reconhecer sua importância. Contudo, não creio que esteja encerrado. Ao abordar cada assunto selecionado tive a sensação que um número sem par de questões ficaram por responder, tanto porque, acredito também que este tema suscite uma pesquisa mais ampla e as limitações deste trabalho não permitiram a conta da amplitude do objeto. Portanto, as reflexões lançadas neste pequeno ensaio são por natureza partida para uma discussão mais profunda.

Mínhas perspectivas, quanto a este fato, é poder de alguma forma dar continuidade a essa discussão em trabalhos futuros que permitam a retórica e, conseqüentemente, superar as possíveis limitações iniciais, assim como, novas construções que resulte no enriquecimento da abordagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de. Sobre a memória das cidades. *Território*, Rio de Janeiro, v. 3, n.4, p. 26, jan./jun., 1998.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- ARANTES, Otilia. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Edusp, 1998.
- ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Morfologia e temporalidade urbana o tempo efêmero e o espaço amnésico. In: VASCONCELOS ; SILVA (Org.). *Novos estudos de geografia urbana brasileira*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LUTIFI, Eulina Pacheco, SOCHACZEWSKI, Suzana, JAHNEL, Cabral Teresa. Representações e o possível. In: MARTINS, José de Souza. (org.). *Henri Lefebvre: retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MADEIRA, Margot Campos. Representações sociais: pressupostos e implicações. *Revista de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.72, n. 171, maio/agosto, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatay. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano* – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SPÓSITO, M. Encarnação B. Espaços urbanos: territorialidades e representações. In: SPÓSITO, Eliseu S. *Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades*. Presidente Prudente: UNESP/FCT, 1999.